

Universo em expansão

Aos 65 anos, Instituto de Artes celebra trajetória de pequeno conservatório que se tornou um dos principais centros de ensino e pesquisa do país em sua área

Cíntia Leone

Divulgação

Daniel Patire



Em 1981, Instituto mudou-se para casarão no bairro do Ipiranga (esq.) e, em 2009, passou a ocupar um prédio de cinco andares no Câmpus da Barra Funda (dir.)

No princípio era a música. Ela esteve na origem do Instituto de Artes, que nasceu em 1949, na Praça da República, em São Paulo, sob o nome de Conservatório Estadual de Canto Orfeônico, que naquela época ainda era parte do Instituto de Educação Caetano de Campos. Sua sede foi mudada para a Luz em 1967 e, em 1974, tornou-se uma instituição de ensino superior independente – a Faculdade Estadual “Maestro Julião” –, funcionando em São Bernardo do Campo (SP).

Os cursos oferecidos até então eram dois bacharelados em Música, um com habilitação em Composição e Regência e outro em Piano. Em 1976, passou a fazer parte da recém-criada **Unesp**, o que permitiu a abertura da licenciatura em Educação Artística. Em 1979, a habilitação em Percussão foi incluída no bacharelado em Música.

O IA ganha uma nova casa em 1981: um casarão histórico no bairro do Ipiranga. Nos anos 1980, a unidade vive um intenso processo de diversificação, com a chegada de mais professores doutores e a criação de novas habilitações nos cursos já existentes: Cordas (Violino, Viola Clássica, Violoncelo e Contrabaixo); Sopros (Flauta, Oboé, Clarineta, Instrumento Antigo); Órgão;

Violão; e Artes Plásticas, no curso de Educação Artística.

Os atuais diretor e vice-diretora do IA, Mario Fernando Bolognesi e Valerie Ann Albright, entraram nessa época. “Foi quando a pesquisa na unidade se desenvolveu, indo além de estudos sobre técnica musical e formação de repertório”, pontua Albright. “Isso permitiu ao IA ingressar num universo mais interdisciplinar, investigando temas como estética, percepção, contexto social, preparação psicológica e física do artista, presença de palco e criação de partituras.”

Em 1997, foi inserida a habilitação em Artes Cênicas entre as opções do curso de Educação Artística, graduação que foi extinta em 2008, quando também foi implantada a licenciatura em Artes Cênicas. “Até 2007 oferecíamos uma formação polivalente, em que o licenciado em Educação Artística, dizia-se, sabia um pouco de tudo. Com a mudança, fortalecemos o ensino na área específica”, lembra Reynuncio Napoleão de Lima, professor aposentado do IA.

A mudança em 2009 para a atual sede no Câmpus da **Unesp** em São Paulo, no bairro da Barra Funda, deu ainda mais impulso a essa especialização. No prédio de cinco andares os professores contam com salas de aula e de

estudos, laboratórios específicos, um teatro, biblioteca e espaço para exposições, além de apoio técnico e administrativo. “Estamos buscando para o Instituto a melhoria do isolamento acústico das salas de estudo, além da moradia estudantil, que pode ser construída nos fundos do terreno”, projeta Bolognesi.

CIÊNCIA DAS ARTES

Percussão, teoria musical, eletroacústica, performance instrumental, circo, teatro contemporâneo e arte-mídia são

alguns dos temas de pesquisa em que o IA reúne cientistas de reputação internacional. A unidade tem programas de pós-graduação stricto sensu em Arte e em Música. Tem também os cursos lato sensu (especialização) de Arteterapia e Terapias Expressivas e outro intitulado Fundamentos da Cultura e das Artes.

O processo de internacionalização do Instituto vai além dos intercâmbios, publicações em periódicos e presença de pesquisadores

visitantes, como ocorre em outros setores. “Pela natureza da nossa área de estudo, estamos sempre envolvidos também com eventos culturais importantes. Nossos alunos fazem turnês, participam de festivais e organizam espetáculos, por exemplo”, descreve Bolognesi. “Isso também nos permite ter contato com artistas do mundo todo e, por isso, o IA constantemente promove masterclasses com grandes músicos, dançarinos, profissionais da dramaturgia e



Eliana Assumpção

Áreas como a de Percussão reúnem hoje especialistas de prestígio internacional

artistas plásticos.”

Na área de música, conta Albright, o aluno é preparado e incentivado a buscar uma pós-graduação ou especialização no exterior. “Fazemos isso não só pelo enriquecimento acadêmico, mas porque sabemos que esse estudante será mais valorizado no mercado de trabalho por ter uma formação estrangeira”, declara a professora, que é norte-americana e se formou em Contrabaixo em Boston, nos EUA.

QUEM ENTRA?

Se vestibular é um desafio para qualquer estudante, quando a carreira escolhida é na área de artes, o candidato precisa saber que este é um dos campos mais competitivos. “O ingressante típico do nosso curso de Música estudou, em média, dez anos o instrumento com o qual ele quer se habilitar”, afirma Eduardo Flores Ganesella, professor do IA e percussionista formado pela própria unidade, em 1987. De acordo com ele, a maioria desses jovens tem formação em conservatório, como o de Tatuí (SP), ou em escolas tradicionais de música, como a Emesp (Escola de Música do Estado de São Paulo).

A prova de habilidades específicas do vestibular de Música na **Unesp** é dividida em duas etapas, sendo um teste de teoria e percepção musical e uma parte mais técnica e interpretativa, em que o vestibulando faz uma audição, ou seja, se apresenta com o instrumento escolhido ou canta (no caso da habilitação em Canto), ou, ainda, faz a prova de Regência ou a de Composição. Tudo isso além das provas tradicionais aplicadas a todos os candidatos.

“Se eu não tivesse uma formação anterior, seria impossível passar no vestibular”, afirma Rafael Zenorini, aluno do 4º ano de Música – Habilitação em Composição, que estudou na Emesp. Ele já fez uma turnê internacional com uma banda e realiza um projeto de Iniciação Científica sobre música e linguística, sob a orientação do professor Alexandre Lunsqui.

O ingressante também deve estar disposto a passar muitas horas do dia na Universidade. “Um bom resultado em artes é produto de um estudo profundo, de dedicação, de um trabalho de sofisticação da percepção, o que só pode ser alcançado com muito empenho”, afirma Bolognesi, diretor do IA.

No curso de Artes Visuais (licenciatura e bacharelado), coordenado pela ceramista Lalada Dalglish, os alunos são capacitados para a produção artística, a pesquisa, a crítica e o ensino das artes visuais – cada vez mais influenciadas pelas novas



Artes Cênicas e Arte-Teatro: criatividade e trabalho em equipe

tecnologias. Assim, o graduando transita entre desenho, pintura, gravura, cerâmica, escultura, fotografia, cinema, animação, televisão, vídeo, editoração eletrônica, multimídia, web art, instalação, escultura sonora, performance e arte do corpo. O ingressante passa por uma prova de habilidades que cobra prática de desenho de observação e de criatividade e conhecimento sobre história da arte e teoria da linguagem visual.

Em Artes Cênicas (bacharelado) e Arte-Teatro (licenciatura), os furinhos da peneira também são estreitos. “Para passar, o estudante vai ter que mostrar, nas provas de habilidades, que já tem contato com a linguagem dramaturgical com a literatura da área”, explica Alexandre Mate, coordenador dos dois cursos. “Na seleção, ele também é avaliado quanto à desenvoltura no trabalho em equipe e à criatividade.”

Segundo Mate, muitos dos ingressantes já fizeram ou fazem parte de grupos de teatro independentes e coletivos culturais. “Alguns dos nossos alunos, inclusive, são oriundos de escolas públicas e descobriram o teatro por meio de atividades desenvolvidas em grupos como esses surgidos nas periferias”, afirma.

DESTINO

Para Bolognesi, não há dúvidas quanto à influência do IA sobre o

ensino de Música no nível superior brasileiro. “Os pós-graduandos formados pela unidade ocupam cargos de docente em outras faculdades pelo país, em todas as regiões”, afirma.

Segundo o diretor do IA, os egressos dos cursos de licenciatura do IA não costumam ter dificuldades para aprovação em concursos públicos. No curso de Artes Visuais, muitos seguem carreira em órgãos públicos ou, ainda, em entidades com forte atuação no setor cultural, como o Sesc.

“Vemos ex-alunos fundando suas próprias companhias de teatro ou coletivos culturais”, relata Mate. “Alguns estão à frente de organizações de festivais de teatro e encontros da área.”



Nas Artes Visuais, ensino vai da pintura tradicional à web art

Graduado pelo IA e ex-integrante do PIAP (Grupo de Percussão do Instituto de Artes da Unesp), Rafael y Castro hoje trabalha no Projeto Guri, organização que oferece educação musical para crianças e adolescentes, onde ele coordena a área de percussão. “As atividades realizadas na graduação me renderam contatos profissionais que me ajudaram muito quando eu terminei a faculdade, no final do anos 90”, enfatiza Castro, que agora é mestrando do IA e pesquisa o repinique, um instrumento-chave das baterias de escola de samba.

A colocação como bolsista em orquestras jovens tem se mostrado uma alternativa comum para os recém-formados

em Música do IA. “Buscar aperfeiçoamento será sempre um imperativo para quem quer uma posição numa orquestra prestigiada”, enfatiza Albright.

Mesmo com as dificuldades próprias da profissão de musicista, Ganesella acompanha com satisfação o destino dos graduados. Ele destaca o caso do percussionista Rubens Celso Lopes Filho, que chegava a passar 14 horas dentro do IA e, aos 22 anos, foi o único aprovado na seleção de mestrado do conceituado Conservatório Nacional Superior de Música e de Dança de Paris, em 2012, em meio a 40 candidatos do mundo inteiro. “Aquele foi a única vez em que a banca aplaudiu a apresentação de um candidato.”

Arte para festejar

Uma série de eventos artísticos marcará as comemorações dos 65 anos do Instituto de Artes, e o primeiro deles é a exposição “O Barro como Linguagem: escultura brasileira contemporânea”, de 10 de março a 10 de abril. A mostra traz trabalhos realizados em argila por 32 alunos do IA durante o ano letivo de 2013, com diversidade de técnicas, estilos e temáticas. A curadoria é de Lalada Dalglish, coordenadora do curso de Artes Visuais e um dos mais importantes nomes da cerâmica no Brasil. A mostra fica aberta à visitação de segunda a sexta-feira, das 9 h às 18 h, e aos sábados, das 9 h às 14 h, na Galeria do Instituto de Artes, em frente à Estação Barra Funda do Metrô.



Exposição de obras em argila marca aniversário

Cíntia Leone